

FRANCISCOLOGIA I

CONTEXTO SOCIAL DA ÉPOCA DE FRANCISCO

São Francisco de Assis nasceu não se sabe ao certo, se no final de 1181 ou se no início de 1182. Seu pai era conhecido como Pietro Bernadone e sua mãe como Pica. O nome Francisco lhe foi dado por seu pai ao voltar de viagem e encontrá-lo já batizado como João. Queria o pai, Pietro Bernadone, fazer uma homenagem à França, terra onde ele sempre fazia bons negócios comerciais, e a sua esposa, que era francesa.

Diz-se “de Assis” porque a cidade em que Francisco nasceu fôra Assis, na Itália, cidade que existe até hoje.

Nesta lição queremos chamar atenção para dois pontos muito importantes na total compreensão de São Francisco, sua história e o seu movimento.

- O tempo histórico – de 1181 a 1226, século XII: Idade Média Central.
- O lugar – Assis, Itália; Europa.

Vamos estudar as características do lugar em que viveu São Francisco, compararmos e vemos semelhanças e diferenças entre aquela sociedade e a de hoje.

Há 800 anos atrás, naquela parte da Europa em que estava a Itália, e nela Assis de São Francisco, vivia-se a época medieval:

Era a Idade Medieval. Andava-se a cavalo ou a pé. Guerreava-se com lanças e espadas, vestidos em armaduras de metal. As doenças eram tratadas muitas das vezes de forma supersticiosa; o médico era uma mistura de cientista e feiticeiro. Não existia saneamento básico. Não existiam escolas como hoje, e em consequência poucos sabiam ler. As pessoas casavam-se segundo o desejo de seus pais, quase sempre por motivos políticos e econômicos. Na política, uma elite mandava, e o povo era uma coisa sem importância. A pessoa valia não pelo fato de ser pessoa, mas pelo título que possuísse, ou pelo trabalho que produzisse. Alguém sem título e que não pudesse trabalhar não possuía qualquer direito dentro da sociedade; eram considerados “marginais”. O clero (Igreja) estava envolvido com esta forma de sociedade, participando de forma direta e indireta em muitos dos abusos e erros que verificamos naquela época.

Todos nós temos a nossa vida controlada pela organização política e econômica da nossa sociedade. Naquela época, vivia-se na Europa um sistema social, político econômico denominado Feudalismo.

No Feudalismo, alguém (civil ou religioso) era dono de uma quantidade enorme de terras, e dono também das pessoas que nelas moravam e trabalhavam. Esses senhores “nobres” moravam em castelos e viviam do que seus “servos” produziam. Havia uma espécie de escadinha: os vassallos eram servos do Senhor Feudal, morando nas terras dele, mas por sua vez tomavam conta de outros menores, os quais eram seus servos. Portanto, os dois, em última análise, eram servos dos senhores feudais, nasciam, cresciam e morriam nesta situação. Se havia um conflito entre senhores feudais, os servos eram os soldados. Em troca de tudo isso recebiam o direito de habitar naquela terra, e recebiam o necessário à sobrevivência. Além disso, os senhores feudais se comportavam como juizes, tendo direito sobre a vida dos seus servos, inclusive de tirá-la.

Mas naquele tempo havia uma outra organização social, política e econômica, nas cidades, diferentes do Feudalismo: eram os “comunas”.

A vida social na cidade tinha outros elementos nobres e poderosos, e também outros elementos simples.

As comunas surgiram a partir dos chamados “Homens Livres” que eram aqueles que, de algum modo, se libertavam do senhor feudal, comprando sua liberdade, e tornando-se comerciante ou artesãos. Alguns comerciantes se tornaram ricos pelo poder do dinheiro, tão poderosos que foram acabando aos poucos com a força dos senhores feudais. O pai de Francisco era um desses comerciantes de Assis. Não era nobre, pois não vinha de uma família tradicional, nem tinha título de conde, duque e etc...

Além dos nobres, senhores e comerciantes ricos, uma grande parte do clero, cujo título valia como nobreza, comumente possuíam terras e castelos; e os cavaleiros que eram a elite dos guerreiros, “os heróis”, que pela bravura adquiriram títulos de nobreza.

Quando Francisco foi para a guerra, ele queria adquirir o título de nobreza, através do heroísmo.

À base de todas essas classes importantes na sociedade daquela época, vinham os artesãos (ferreiro, pedreiro, marceneiro, etc...) e os empregados de alguém. Estes levavam uma vida duríssima, trabalhando mais de 15 horas por dia, sem direito ao descanso, sem direito as férias, folga e etc... muitas das vezes os locais de trabalho eram os piores possíveis, e o salário muito baixo. O pai de Francisco possuía empregados nesta situação. Numa família todos trabalhavam: o pai, a mãe e as crianças. Mais à base de todos, havia a classe dos que não tinham qualquer valor: os marginalizados (deficientes físicos e mentais, doentes e etc...).

Eram poucos os nobres e poucos os ricos. A maior parte era artesãos e empregados. O empregado passava para a classe dos miseráveis em decorrência de alguma doença, ou má sorte qualquer. E havia muitos desses mendigando, fatalmente morriam, pois não havia hospitais e os poucos médicos eram para os ricos e nobres. Francisco, mesmo quando adoeceu, não desceu para classes dos marginalizados graças ao poder do dinheiro do seu pai por isso, já naquela época, todos se apegavam muito ao ter, seja terras, seja dinheiro, porque o valor social do homem era basicamente isso: dar toda minha vida pelo menos por um pouco de ter.

Francisco cresceu no meio disso. Não era um senhor feudal, não era nobre, não era do clero, nem era um cavaleiro, não era um artesão, nem um empregado. Era o filho de um rico comerciante, estava sendo preparado para ser como o seu pai, se possível, adquirir título de nobre (por isso foi para a guerra).

Mas um dia ele percebeu que os homens podiam viver num outro tipo de sociedade...

FRANCISCOLOGIA II

CRONOLOGIA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Veremos a cronologia de São Francisco, as datas mais importantes na história do pobre de Assis, assim como detalhes da sua vida.

1181/82 - Verão ou outono (junho-dezembro) nasce em Assis. Batizado com o nome de Giovanni di Pietro. (pai) di Bernardone (avó). Mudando para Francisco.

1202 - Guerra entre Perugia e Assis a qual é derrotada. Francisco com 20 anos passa um ano preso em Perugia e é resgatado pelo pai, devido à doença. Nesse tempo parece que a família de Clara está refugiada em Perugia: ela com 8/9 anos de idade.

1204 - Francisco combate contra Perugia e é feito prisioneiro.

1204 - Fim, ou primavera de 1205 (março – junho) parte para a guerra na Apúlia, no sul, volta após visão e mensagem de Espoleto. Começo da conversão gradual (cresce aos poucos).

1205 - Outono (setembro a dezembro): mensagem do crucifixo de São Damião. Conflito com o pai.

1206 - Janeiro - fevereiro: questão perante o bispo Dom Guido II (1204 a 30 de junho de 1228). Primavera (março – junho): em Gubio, perto de Assis, cuida dos leprosos.

Verão, provavelmente em julho: volta a Assis. Veste-se de eremita e começa a reparação da capela de São Damião. Começo dos anos de conversão, segundo a cronologia de Tomás de Celano.

1208 - Janeiro ou fevereiro: trabalho na reparação de São Pedro, Santa Maria dos Anjos ou Porciúncula.

1208 - 24 de fevereiro: ouve o evangelho da missa de São Matias, na Porciúncula, sobre a missão apostólica. Muda as vestes de eremita e passa usar as de pregador ambulante, descalço. Início da pregação apostólica. Aqui propriamente, começa o estilo da vida franciscana, apostólica.

- 16 de abril: recebe em sua companhia os irmãos Bernardo de Quintavalle e Pedro Cattani. No dia 23, recebe o irmão Egídio na Porciúncula.

- Primavera (março – junho): a primeira missão. Francisco e Egídio vão à Maria de Ancona no litoral Adriático. Recebe mais três companheiros. Inclusive Filipe.

- Outono ou inverno (entre setembro – março): segunda missão. Os sete vão a Poggiobustone, no vale de Rieti. Bernardo e Egídio vão a Florença.

1210 - 16 de abril, dia do nascimento da Ordem Franciscana.

1212 - 18 de março, no Domingo de Ramos, numa noite fria e estrelada Clara foge indo ao encontro de Francisco, que corta os cabelos de Clara declarando que a partir daquele dia seria Clara de Assis, a irmã de todo o povo. Nasce a Segunda Ordem.

1215 - Francisco e Domingos participam do IV Concílio de Latrão.

1217 - Grande assembléia dos 5.000 frades ao redor de Francisco. “Capítulo das esteiras”.

1219 - Outono (setembro-dezembro): Francisco vai ao acampamento do Sultão do Egito, MeleK-el-Kamel, e tem “entrevista” com ele. Francisco tem pouco resultado junto ao Sultão. Escrevem os cronistas que ao chegar é maltratado.

Ignorando a língua dos turcos, apenas diz “Soldan, Soldan”. Então é levado à sua presença e depois reconduzido por homens armados para junto dos exércitos que cercam Damietta.

1220 - Inícios: Francisco viaja para São João d’Acre (Accon), onde há uma fortaleza dos cruzados, e vai à Terra Santa. Na sua ausência Francisco deixa dois “vigários”, que começam a introduzir novidade na ordem, instituindo novos dias de jejum e abstinência, além dos já marcados. Um frade encarregado das clarissas pede privilégios ao Papa em favor delas contra a vontade do Santo, que prefere “vencer pela humildade mais que pelo poder da lei”. Outro, subtraindo-se à Ordem, pretende fundar uma nova Ordem, para leprosos de ambos os sexos.

- Primavera ou verão (março-setembro): alarmado pelas notícias que um frade leva ao oriente, retorna à Itália, desembarcando em Veneza. Nessa ocasião, o cardeal Hugolino é nomeado protetor da Ordem.

- Francisco entrega o governo da Ordem a Frei Pedro Cattani.

- Maio: capítulo geral de Pentecostes. Frei Elias de Cortona é eleito vigário em substituição ao falecido. Francisco apresenta a segunda Regra (não burlada ou não aprovada por bula papal), que Frei Cesário de Espira, versado em Sagrada Escritura, adornou com muitos textos bíblicos.

No fim do capítulo, Francisco, diz o cronista, lembra de novo a missão da Alemanha, fracassada em 1219. Pergunta se há voluntários. “Apresentam-se cerca de 90, inflamados pelo desejo do martírio, oferecendo-se à morte”. Entre eles o cronista que refere o fato, frei Jordão de Jano e Frei Tomás de Celano, o biógrafo de São Francisco. Esta missão é mais preparada, dirigida pelo alemão Frei Cesário de Espira, e tem sucesso.

1221 - Aprovada a Regra da Ordem Terceira Secular pelo Papa Honório III.

1222 – 15 de agosto: festa da Assunção. Francisco prega em Bolonha (sede de estudos Jurídicos). Suas palavras visam mais “extinguir inimizades e reformar os pactos de paz”, conforme relata um ouvinte: “muitas facções de nobres, entre os quais existiam velhas inimizades, com derramamento de sangue, foram levadas à pacificação”.

1223 – Inícios: em Fonte Colombo, Francisco redige a 3ª Regra que é discutida no capítulo geral de junho. A discussão continua em Roma, e em outubro Francisco se dirige ao Papa para pedir a aprovação.

- 29 de novembro: Honório III aprova, com bula papal, a Regra definitiva, ainda hoje em vigor. O texto original conserva-se como relíquia no Sacro Convento de Assis. Provavelmente houve colaboração dos frades e do representante da Santa Sé.

- 24/25 de dezembro: na noite de Natal, Francisco celebra a festa em Greccio, junto a um presépio.

1224 - 2 de julho ou início de agosto, o vigário da Ordem Frei Elias é advertido (sonho ou visão?) de que Francisco terá ainda 2 anos de vida.

- 15 de agosto a 29 de setembro: Francisco, Frei Leão e Frei Rufino passam no Alverne, preparando-se com uma quaresma de oração e jejum para a festa de São Miguel Arcanjo. Em setembro, tem a visão do Serafim alado e recebe **os estigmas** (chagas).

- Em outubro ou início de novembro, Francisco retorna à porciúncula via Borgo San Sepolcro, Monte Casale e Città di Castello.

1224 - ou 1225, dezembro-fevereiro: cavalcando um jumento, Francisco faz um giro de pregações pela Úmbria e Marcas (Ancona).

1225 - Março: visita Clara em São Damiano. Suas vistas pioram muito. Ele pretende ficar ali numa cela ou na casa do Capelão simplesmente, mas, cedendo aos pedidos do vigário da Ordem, Frei Elias, consente em receber tratamento médico: a estação é muito fria, e o tratamento é transferido.

- Abril ou maio: ainda em São Damiano, Francisco recebe tratamento e não melhora. Recebe a promessa da vida eterna. Depois de uma noite dolorosa, atormentado pela dor e por ratos, compõe o **Cântico do Irmão Sol**, junto a Santa Clara.

- Junho: acrescenta uma estrofe ao Cântico do Irmão Sol, comemorando a reconciliação entre o bispo e o podestade (juiz) de Assis: "Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações. Bem aventurados os que sofrem na paz, pois por Ti, Altíssimo, coroado serão".

Aconselhado por uma carta do Cardeal Hugolino, protetor da ordem, deixa São Damiano e vai para o Vale de Rieti.

- Inícios de junho: acolhido em Rieti pelo Cardeal Hugolino e pela corte papal (que lá está 23/6 a 6/2). Para submeter-se ao tratamento dos médicos da corte pontifícia vai a Fonte Colombo para tratamento, sob insistência do Cardeal Hugolino, mas rejeita devido à ausência de Frei Elias.

- Julho ou agosto: em fonte Colombo, o médico cauteriza as têmporas de Francisco, mas com pouco resultado.

- Setembro: Francisco vai a São Fabiano, perto de Rieti (Floresta), para ser tratado por outro médico, que opera sua vista. Restaura então a vinha do pobre padre, danificada por visitante de Francisco.

1225 - Francisco vive ora em Rieti, ora em Fonte Colombo.

- Abril: vai a Sena para outro tratamento.

- Maio ou junho: volta à Porciúncula, via Cortona.

- Julho-agosto: no calor do verão é levado para Bagnara, nas colinas perto de Nocera.

- Fim de agosto ou início de setembro: piorando de saúde, é levado, via Nottiano, para o palácio do bispo de Assis. Dom Guido acha-se ausente, em peregrinação ao Santuário de São Miguel, cuja festa se celebra no dia 29, no monte Gargaro.

- Sentido iminente a morte, pede para ser levado para a porciúncula. Chegando a planície, lança sua bênção sobre Assis. Nos últimos dias de vida, dita o Testamento, autotestemunho de incalculável valor para a vida e os propósitos de homem tão singular.

Com a proximidade da morte, pede que o deitem nu no chão. Depois aceita emprestado o hábito que o guardião lhe dá. Faz ler o evangelho da Última Ceia e abençoa os filhos seus, presentes e futuros.

1226 - 3 de outubro, à tarde: Francisco morre entoando "morte suscepi". No domingo seguinte, 4 de outubro, é sepultado na Igreja de São Jorge, na cidade de Assis, mas o cortejo fúnebre passa pelo mosteiro de São Damiano para a despedida de Clara.

1228 - 16 de julho: Francisco é canonizado. Relíquias trasladadas para a nova basílica em construção, em 25 de maio de 1230.

FRANCISCOLOGIA III

O CARISMA FRANCISCANO – PARTE I

Do ponto de vista de definição, podemos dizer que **Carisma** é o conjunto de valores que caracterizam determinada pessoa ou movimento. Quando dizemos que uma pessoa é carismática estamos insinuando que a sua vida, o seu testemunho exercem grande fascínio sobre os outros. Atrai pessoas a viverem os mesmos valores, idéias e princípios.

Assim aconteceu com Francisco de Assis, que mesmo tendo vivido há mais de 800 anos atrás, pregou valores e um ideal que foram de grande edificação, e ainda hoje são significativos em todas as ocasiões, em todos os lugares, em todas as classes sociais e em todas as culturas...

Com certeza você já deve ter ouvido falar nos valores que caracterizam o Franciscanismo: como a pobreza, minorismo, fraternismo, inserção no mundo, obediência, amor às criaturas, a perfeita alegria, etc... Mas ficar ouvindo falar é muito pouco para alguém que quer se tornar um digno franciscano; se todas as conversas, se todos os temas, se todas as leituras não lhe trouxerem uma mudança de vida, um comprometimento maior para com Deus e para com o próximo, tudo isso será em vão, e você estará apenas se enganando e “brincando” de cristianismo, de franciscanismo. Coisa grave, não?

Contudo só se vive e só se ama plenamente aquilo que se conhece. Então vamos comentar objetivamente os principais valores franciscanos, para que você conheça-os melhor e viva-os e ame-os com muito mais fervor.

A pobreza

Esta era para São Francisco a 1ª pedra da Ordem, o fundamento de todo este edifício, que ficará sólido enquanto ele ficar sólido (Boav. VII, 2). Ele costumava dizer que a posse de bens traria inevitavelmente a necessidade de armas para protegê-los, e que de toda propriedade resulta fatalmente discussões com vizinhos, o que prejudicaria no seu amor a Deus e ao próximo, o que de forma alguma poderia ser admitido por Francisco.

Para Francisco, a pobreza, era uma das condições essenciais para a perfeição evangélica, e, portanto, não poderia ser colocada em segundo plano.

Amando profundamente a Deus e ao próximo, teria necessariamente de seguir o exemplo do seu Divino Senhor como naquela passagem de São Mateus: “*as raposas têm covas, as aves têm ninhos, mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça*” (Mt. 8,20).

Uma certa vez quando lhe questionaram o motivo de sua opção decidida pela vida de pobreza absoluta, num momento, enumerou 10 razões, para tal:

- 1) Imitar mais de perto a Cristo, nascido entre as palhas e morto numa cruz;
- 2) Fugir as perigosas e duras algemas da avareza;
- 3) Se afervorar no amor ao próximo, de que, em regra, a propriedade não costuma ser amiga;
- 4) Merecer a sorte de, no juízo final, ouvir o terno chamado: “*vinde a mim pobres muitos amados*”;
- 5) Estar com alma mais desapegada para os encantos espirituais;
- 6) Ter melhor disposição para pregar a palavra de Deus;

- 7) Poder dizer verdade a ricos e pobres sem nenhum medo;
- 8) Dar a todos um exemplo vivo e animado de confiança na providencia Divina;
- 9) Interesse maior pelas coisas do espírito que pelas do corpo;
- 10) Valorizar e incentivar os pobres, tidos e havidos como os restos da sociedade, sem, contudo, escandalizar os outros, visto que necessitam da sua providência cotidiana.

Querendo Francisco ser pobre, amando ardentemente a pobreza cristã, preferindo-a a tudo sem nenhuma contradição, sem desmentir-se, viu também méritos na riqueza, e não amaldiçoou os seus detentores, por julgá-los também, a todos eles, filhos de Deus, e, portanto, com possibilidades de alcançarem a herança do céu.

Por tudo isso, Francisco de Assis, o pobre dos pobres, desejou ardentemente que todos os cristãos fossem pelo menos, espiritualmente pobres, sem egoísmo ou qualquer ambição, embora não tivesse aberto mão para si e para a sua Ordem, da pobreza a absoluta.

Obediência

O maior exemplo de obediência na Bíblia é Cristo. Para Ele, fazer a vontade do Pai, que é obedecer ao plano de Deus, era a sua preocupação maior. Isto Ele levou a sério até as últimas conseqüências, e sempre muito a sério. Como prêmio recebeu a cruz, que é a nossa salvação.

No tempo de Francisco de Assis, por volta dos anos de 1200, a humanidade, e até a Igreja, estavam numa fase decadente, diante da experiência bíblica que coloca o homem perante o plano de Deus. A preocupação de São Francisco foi a de começar a viver nesta experiência. Nela ele descobriu que para obedecer ao plano de Deus era preciso deixar-se possuir pelo Espírito Santo. Francisco e seus companheiros pediram licença ao Papa para viverem conforme este espírito e, com a aprovação e a benção da Igreja, prometeram-lhe obediência e fidelidade. Como é raro hoje em dia pedir licença, não?

A obediência para São Francisco não era sinônimo de escravidão, ao contrário, ela engrandece o homem, empurrando-o a um sacrifício consciente. Ela é a demonstração da liberdade humana.

São Francisco tinha uma visão tão ampla e profunda do evangelho, que chegava a afirmar: *“o perfeito obediente não pergunta por que se manda, não se inquieta por saber até onde vai chegar, nem se esforça por livrar-se do cargo, pois tem confiança plena no seu Senhor: Jesus Cristo.”*

A obediência é irmã da humildade. É certo que sem a verdadeira humildade nada de bom e do alto poderá ser conseguido, nem tão pouco feito na vida presente. Para as grandes realizações o homem deverá se tornar pequeno e se colocar sempre como instrumento da divina providência.

Minorismo

O desejo ardente e consciente de ser o menor entre todos era outro valor ensinado e vivido por S. Francisco. Celano afirmou que Francisco era humilde de presença, mais humilde de sentimentos e muito mais humilde de pensar e agir. Ele ensinava que a humildade não era autodepreciação nem tão pouco auto-apreciação,

e dizia: “quando nos atirarem pedras ou flores, devemos ter o mesmo comportamento”.

Fraternismo

Outro valor profundamente admirado e ensinado por S. Francisco. Ele não era teólogo, mas tinha uma finíssima intuição teológica, e por isso viu na fraternidade evangélica uma das colunas mestras da Boa Nova, desejando assim fundar uma Ordem de Irmãos, que encarnasse a fraternidade em toda a sua beleza.

“Quando eles se encontravam reunidos, ou quando por acaso se encontravam no caminho, que explosão de amor espiritual, o único amor capaz de fundar uma autêntica fraternidade! Então eles se abraçavam, conversavam e riam juntos satisfeitos, atenciosos, dóceis e calmos, unânimes no seu ideal, prontos e incansáveis para se prestarem ao serviço”.

São Francisco desejava tanto essa virtude para a sua Ordem, que chegava a aconselhar: *“estejam a serviço um dos outros, manifestem uns aos outros com confiança as suas necessidades, como uma mãe nutre e cuida do seu filho querido. E todos aqueles que não quiserem observar estas leis, não os considero como católicos, nem como meus irmãos, nem os quero ver, nem lhes falar, até que tenham feito penitência”.*

Quantas e quantas vezes já ofendemos essa virtude? Qual seria a atitude de Francisco diante disso?

A alegria perfeita

Esta era outra característica que marcava o pobrezinho de Assis.

Ele não compreendia como um homem no cumprimento exato dos deveres para consigo, para com o próximo e para com Deus, pudesse deixar de ter alegria no coração, pois para S. Francisco a verdadeira alegria só pode ser a do cristão que ouvindo os ensinamentos divinos, segue dia-a-dia o caminho do bem, em atos de generosidade e de amor, para alcançar a eternidade feliz.

Dizia aos seus companheiros não ser conveniente que um servo de Deus manifeste tristeza, desânimo ou impaciência, pois daria a oportunidade aos ímpios de pensarem mal de nossa religião.

O que alimentava essa alegria contínua era a fé forte e profunda, plena e viva na vida futura da bem-aventurança eterna.

Como vimos, São Francisco deu a sua vida desse modo tão peculiar, que até hoje empolga, não por uma simples opção inconsciente e inconseqüente, mas sim por que ele entendeu como ninguém que os valores por eles vividos e ensinados eram, e até hoje são um caminho prático, viável e eficaz, que leva aos braços do Pai. E esse é o estímulo que devemos sempre procurar na difícil tarefa de vivenciar o carisma franciscano: A SALVAÇÃO.

FRANCISCOLOGIA IV

O CARISMA FRANCISCANO – PARTE II

Veremos, de uma forma prática e objetiva, comparações da vivência desses valores por Francisco na sua época e nos dias de hoje e tentaremos mostrar algumas pistas que lhe facilite viver esse carisma no seu dia-a-dia, pois ninguém pode se dizer franciscano se pelo menos não busca, com sinceridade, viver esse ideal.

O mundo em que vivemos está contaminado pelo desejo de possuir sempre mais, tornando a pessoa uma coisa entre outras coisas. Este mundo é assim porque nós assim o fizemos, quando constantemente calamos a voz do coração, destruindo o sentido natural do plano divino.

Francisco de Assis, como já vimos, nasceu num ambiente semelhante ao nosso. Repleto de espírito de aventuras, vitórias pela força, desejo de ambição, honra, nobreza, posse das coisas e da riqueza. Porém, Francisco foi um homem diferente dos demais. Um homem consciente, conhecedor da realidade e que acima de tudo não sufocou a voz do coração. Dessa forma conseguiu transformar a sociedade. Esta deve ser uma das primeiras características do franciscano de hoje: viver inserido na sociedade, sem se alienar, e ao mesmo tempo sem se deixar contaminar pelos valores anti-cristãos que ele prega como: o consumismo, o querer ser mais, o egocentrismo, estando sempre pronto a defender os mais desfavorecidos.

É certo que sua pessoa não mais existe entre nós, mas a sua experiência de vida e os valores por ele ensinados continuam a falar fundo no coração dos homens. Esses valores, muitas das vezes, vão de encontro as nossas atitudes e denunciam nossos atos perante Deus, o homem e o mundo. Francisco nos aconselha a deixar de lado a nossa vida tão complexa, e ao mesmo tempo tão cômoda, para assumir uma vida simples, humilde e prestativa, para vivê-la com satisfação e dar-lhe sentido.

Uma outra lição que ele continua nos dando é a de assumirmos uma atitude de gratidão perante a vida. De nada podemos nos apropriar, mas tudo devemos ver como dons gratuitos de Deus ou de alguém, como expressão máxima do amor que nada exige em troca. O egoísmo é um vício que nos cerca constantemente. Todos nós corremos o risco de nos apropriar das coisas criadas e dadas gratuitamente por Deus, como a voz, a beleza, a sabedoria, para a nossa própria satisfação, ao invés de servir, visando a glória do seu criador. Dessa forma, nos colocamos no centro de tudo, ofendendo assim ao irmão. Isto é uma prova de que o nosso amor esta voltando para nós mesmos e não para o próximo, como ordena o mandamento do Senhor, e que Francisco tão bem entendeu.

Há oito séculos repetimos: *“Eis o nosso santo”*. Continuamos, porém, com a mesma sociedade egoísta. Quem pode mais, chora menos. Morremos todos pelo dinheiro. Alguns pelo excesso, outros pela falta. Isto significa que a revolução que Francisco veio pregar foi mais profunda do que pensamos, a ponto de não a entendermos bem. Foi a revolução do evangelho e a revolução da simplicidade.

Um outro ensinamento de Francisco que vai de encontro ao que a sociedade prega é a obediência: falar em obediência hoje é sinônimo de atraso para muitas pessoas. Mesmo nós cristãos nos deixamos envolver e perturbar por este modo de

pensar. Nossa maneira de agir quer sempre ser mais independente e nem sempre mais responsável. A Bíblia prova concretamente que todas as vezes que o homem obedeceu e caminhou segundo o plano divino, encaminhou-se para a felicidade, e contrariamente, quando este desobedeceu perdeu-se no vazio, se angustiou, tornou-se infeliz. Como Cristo, como Francisco, o grande segredo para ser obediente é percebermos atrás de tudo um Pai.

Muito cedo Francisco entendeu e aderiu àquilo que nós costumamos a entender e a assimilar: *“Aquele que se exalta será humilhado, e aquele que se humilha será exaltado”* (Mt 23,12). A humildade, contudo, não é recebida como presente de Natal. Ela deve ser conquistada pouco a pouco, lutando contra os nossos próprios caprichos como fez Francisco, que possuía exata proporção da realidade.

Você afirma que possui a liberdade, porém ao ir comprar uma roupa acaba comprando exatamente aquele que está na moda. Que liberdade é esta?

A liberdade está em você ser capaz de ajoelhar e fazer uma oração espontânea a Deus, enfim reconhecer que o homem é livre pela consciência e não pelo que o deixam fazer.

São Francisco considerou o homem como grau de excelência no mundo, porque Deus o fez imagem e semelhança. Olhando, porém, a situação do nosso mundo, onde todos pensam apenas em si, Francisco choraria amargamente. E, no entanto, nós continuarmos a encher-nos de preconceitos e falsos conceitos, gritando separação, pisando por cima das pessoas a quem encontramos. Entretanto o pobre de Assis não amou só os seus irmãos, seus frades e companheiros, mas também o desconhecido, o marginalizado, o desprezado... Francisco, certa vez, chamou de irmão um lobo e nós chamamos de lobo um irmão. Na prática, agimos como se os outros fossem lobos, fugimos deles, ou lhe atiramos pedras, ou ficamos indiferentes quando um irmão é injustiçado, caluniado e jogado na sarjeta da vida.

Na escola de Francisco tudo é valorizado, da pedra ao ser humano, pois tudo é reflexo da bondade do Pai.

Um tema não muito atraente e que o homem moderno tem pavor é o do sofrimento, sobre o qual Francisco nos dá uma lição. Esta é uma realidade dura e inevitável para todos nós, a qual, segundo ele, não se explica teoricamente, só na prática cotidiana do evangelho. Porque a solução e a explicação verdadeira estão no final da caminhada. E quem souber fazer do sofrimento um trampolim para subir mais nesta caminhada, conseguirá o alívio e a alegria que aguarda, pois a cruz é inevitável, inflexível, porém conduz para outras paisagens e outras esperanças. A exemplo de Francisco, devemos compreender que Deus dá as cruzes, mas também dá os ombros, e até hoje no mundo ninguém como ele foi genial na arte das proporções.

Francisco, no trato com os outros, era muito rigoroso consigo mesmo, a ponto de compreender com uma grande amplitude os erros dos irmãos. A primeira atitude que tomava não era de repreensão ou castigo, mas de compreensão pelas fraquezas humanas, mostrando assim, ser um homem maduro e equilibrado.

Como seria diferente a vida em nossas famílias, em nossas fraternidades, em nossas comunidades, se a maneira das pessoas se tratarem fosse mais coerente uns com os outros. Poderíamos usar um diálogo sincero, deixando de lado a precipitação, que só leva a agravar as situações. Toda pessoa deveria ter chance para melhorar sua vida, mesmo que pareça ruim e incorrigível, pois muitas vezes,

ela é assim porque não teve ocasião de fazer o bem em sua vida, e com esses precisamos, mais do que nunca, usar de misericórdia.

Outro valor franciscano que queremos refletir e trazer para a nossa vida é a inserção no mundo.

Sempre que ouvimos falar em missionário, pensamos talvez na atitude de uma pessoa que deixa o seu lar e vai para um lugar distante e incerto, perigoso e descrente, pregar o evangelho, proclamar discursos tão efusivos que comovam e convertam o mais incrédulo ouvinte.

Missionário é todo aquele que tem uma missão a cumprir, uma tarefa a desempenhar dentro do mundo em que vive. E este mundo pode ser sua família, local de trabalho, e de um modo especial para nós, a nossa fraternidade, enfim qualquer lugar, qualquer pessoa que esteja disposta a tornar o mundo um pouco melhor e levar a sério o apelo de Cristo. Com a nossa participação podemos alegrar o coração do irmão e fazer com que se sinta menos só, menos oprimido, mais valorizado, e assim, estaremos respondendo ao chamado de Cristo, porque nos tornamos portadores da paz.

Uma vida de grupo hoje tem muita dificuldade, mas também tem muito sentido, desde que não se entre no jogo proposto pela sociedade. O grupo é um meio de sair do anonimato, de viver a amizade, de valorizar a pessoa individual, de descoberta dos valores humanos.

Inspirar essa vida de grupo no espírito de São Francisco significa colocar como base doutrinária o próprio evangelho. O espírito do seu grupo consistia em serem os menores entre os homens, onde cada um se colocava como servo do outro e não em atitude de dominação ou competição.

A maior contribuição que Francisco dá a vida de grupo, hoje, é essa fundamentação evangélica. Esse relacionamento fraterno de irmão para irmão, na base do serviço mútuo, na humildade, na paciência, na alegria, esse desprendimento e despojamento em relação às posses. Finalmente, se um grupo hoje quiser efetivamente apresentar e testemunhar algo novo diante dessa sociedade deverá, como Francisco, marginalizar-se, sem, contudo fugir. Marginalizar-se para libertar-se do seu jogo e criar um novo estilo de vida com valores e perspectivas que respondam aos anseios e esperanças do homem e do evangelho. Você tem se questionado sobre o que tem feito de objetivo para que seu grupo tenha essas características? Segue o retrato falado de Francisco e conseqüentemente do franciscano:

Retrato Falado de Francisco

*Tinha maneiras simples,
era sereno por natureza e de trato amável,
muito oportuno quando dava conselhos,
sempre fiel em suas obrigações,
prudente nos julgamentos
eficiente no trabalho e,
em tudo cheio de elegância,
delicado,
sóbrio
contemplativo,*

*constante na oração e,
fervoroso em todas as coisas.
Firme nas resoluções,
equilibrado e sempre o mesmo.
Rápido para perdoar,
demorado para se irar,
tinha inteligência pronta,
memória luminosa,
era sutil no falar,
sério em suas opções e
sempre simples.
Era rigoroso consigo mesmo,
paciente com os outros,
discreto com todos,
muito eloqüente,
tinha o rosto alegre e o
aspecto bondoso,
era diligente e incapaz de ser arrogante. (1ª Cel. 83)*

FRANCISCOLOGIA V**CRONOLOGIA DE SANTA CLARA**

Veremos a cronologia de Santa Clara de Assis, as datas mais importantes na história da serva de Deus.

1193-1194 - Nascimento de Clara Offreduccio de Favarore, em Assis.

1198 - A família de Clara se refugia no Castelo de Cocorano.

1203-1205 - Exílio em Perugia, juntamente com outras famílias nobres que combatem contra o município de Assis.

1210 - Clara assiste às pregações de Francisco.

1212 - Noite do Domingo de Ramos. Consagração de Clara na Porciúcula (Santa Maria dos Anjos).

1214 - Irmã Balvina, companheira de Clara, funda uma comunidade de damianitas em Spello.

1215 - Clara recebe o título de Abadessa.

1216 - Obtém do Papa o privilégio da máxima pobreza.

1218-1219 - Clara e as suas irmãs recebem a Constituição do Cardeal Hugolino com a Regra de São Bento. Algumas damianitas emigram para Sena, Luca, Florença, onde Inês, irmã de Clara, torna-se Abadessa.

1220 - Segundo a Tradição, tem lugar a fundação de Reims o primeiro mosteiro de França.

1224 - Início da doença de Clara.

1227 - O Papa confirma a assistência dos frades para as irmãs de São Damião.

1228 - O Papa visita Clara em São Damião.

1240 - Sarracenos em São Damião: proteção milagrosa da comunidade.

1241 - (22 de junho) pela oração das irmãs, a cidade de Assis foi libertada do cerco dos exércitos do imperador.

1247 - Regra de Inocêncio IV: as damianitas são associadas à ordem franciscana e deixam a Regra de São Bento.

1253 - O Papa visita Clara e aprova a sua Regra.

- No dia 11 de agosto morre Clara. Até aquela data mais de 150 mosteiros já existiam.

1253 - (novembro) Morte de Santa Inês de Assis (irmã de Clara).

1255 - Canonização de Santa Clara. Celano escreve a sua biografia (Vida).

1260 - Translado do corpo de Clara e transferência da comunidade de São Damião para o atual mosteiro de Santa Clara de Assis.

1263 - Regra de Urbano IV. A Ordem de São Damião toma o nome de Ordem de Santa Clara.

Questionário

Foi no dia 11 de agosto de 1193 que Clara abriu os olhos ao mundo. Assis respirava o ar de uma comuna (antigo modelo de sociedade referente à Idade Média) sendo, porém, obrigada a submeter-se ao Imperador e ao regime feudal por ele imposto.

Clara nasceu de uma família de maiores. Seu avô é um dos mais nobres e poderosos da cidade. Seu pai Favarone e seu tio Monaldo têm em alta conta a honra do nome da família.

Favarone, nobre e rico, escolhe por esposa Ortolana, que à nobreza juntava dons morais de caridade e piedade. Mulher muito conhecida em Assis por socorrer os necessitados, dedica-se a obras piedosas e empreende peregrinações devotas.

Eis então que se abre a primeira maternidade para Ortolana.

No dia do parto, ela é tomada de angústia pelo perigo. Mesmo assim refugia-se na oração: corre à Igreja, ajoelha-se diante do crucifixo e pede fervorosamente a Deus que a ajude na hora que se aproxima. Enquanto orava de joelho diante da cruz, ouviu estas palavras: *“Não temas, Senhora, porque sã e salva darás uma luz que fará resplandecer mais claramente o próprio mundo”*. Ela gravou estas palavras em seu coração de modo a não mais esquecê-las. Esta é a razão pela qual a primogênita de Favarone foi imposto o nome de Clara na pia Batismal.

Clara cresce à sombra da mãe. Nos primeiros anos, sua escola são as obras de piedade e de caridade de Ortolana, que Clara com a sua pequenez, se esforça por imitar. Aprende também da mãe os primeiros ensinamentos da fé, bem como rezar. A semente da oração cai em boa terra, frutificando cem por um. Muito cedo começa ela por si mesma, recitar as orações que ouve da mãe. Como não existia rosário, servia-se de montinhos de pedrinhas para contar suas orações ao Senhor.

Poucos anos após o nascimento de Clara, Ortolana dá à luz a segunda filha, conhecida por Inês, como a chamou São Francisco. Seu nome batismal fora provavelmente Catarina. Alguns anos mais tarde, nasceu a terceira e última filha, Beatriz.

É muito difícil determinar o momento em que Deus chama para uma vocação. A conversão de Clara se deu a cada momento de sua existência.

A sua vida prosseguia em seu curso normal, mas Clara como todos os enamorados, estava tomada por um pensamento fixo: a solidão.

Com apenas 17 anos, nobre, rica, bela e bondosa, tem todos os requisitos para ser esposa de qualquer um dos senhores poderosos de Assis. Com estes pensamentos Favarone começa a fazer contatos. Clara, porém, não só se recusa a casar-se, como nem sequer deseja ouvir falar em casamento. Responde para seus pais que pretende conservar sua virgindade para o Senhor.

A essa altura Assis está vivendo mais uma loucura (como chamaram). Francisco, filho de Pedro Bernardone, tendo partido para as Apúlias, acabou retornando a casa, e começou a fazer coisas que a maioria classifica de loucura, e poucos e alguns julgam de santidade.

Clara ouviu Francisco pregar pela primeira vez na Catedral de São Rufino. Desde então, os dois encontravam-se em segredo com certa regularidade. Francisco já era ciente da bondade de Clara, só desejava afastá-la do mundo.

É chegada a hora. O silêncio repete insistentemente a Clara: *“Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim”* (Mt. 10,37). Clara então põe em prática seu plano de fuga. Apenas uma amiga sabia do plano: Bona. A jovem sai de sua casa por uma porta secundária, pois seria muito arriscado sair pela porta principal. Mas eis que se lhe apresenta um primeiro obstáculo: a porta está barrada com pesadas traves. Mas ela precisa sair; dá-lhe forças o pensamento de que será agora ou nunca o momento de servir a Deus, instante por instante, na mais absoluta fidelidade a sua palavra. E a porta abre.

Ao chegar à igreja de Santa Maria dos Anjos (Porciúncula), prosta-se diante do altar da virgem Maria e consagra-se a Deus pelas mãos de Francisco. Como sinal de consagração, o santo lhe corta os cabelos.

Para consagrar-se a Deus, Clara cortou não só os cabelos, mas despojou-se de toda a exterioridade, de toda vaidade. Diminuída aos olhos dos homens, unicamente ao serviço de Deus.

Atônitos ficaram os familiares quando souberam da fuga e ao mesmo tempo se perguntavam como ela conseguiu sozinha retirar as traves que obstruíam a porta. Logo acabaram de saber onde se refugiara e correram a São Paulo das Abadessas com o intuito de trazê-la para casa. Mas Clara não cede, ela recorre a um gesto que tem poder de quebrar toda a insistência por parte dos familiares: mantendo-se agarrada as toalhas do altar, retira o manto que a resguarda e mostra a cabeça raspada, sinal de sua entrega total a Cristo. Eles percebem que a filha primogênita já não é mais uma jovem famosa deste mundo, não se preocupa mais com felicidade humana e coloca sua esperança somente em Cristo.

Clara não podia permanecer no mosteiro Beneditino, ela não tinha a intenção de abraçar a regra de São Bento. Por algum tempo, Clara ficou no mosteiro de Santo Ângelo.

Dezesseis dias que Clara saiu de casa e eis que sua irmã, conhecida por Inês, vem para servir completamente ao Senhor. Clara amou tanto sua irmã, a ponto de suplicar incessantemente a Deus que a chamasse para o mesmo caminho.

Desta vez Favarine estava decidido a recuperar sua filha, viva ou morta. Monaldo (tio de Clara) coloca-se à frente com um grupo de 12 homens e dirige-se a Santo Ângelo de Panzo.

Voltou algumas horas depois carregando nos braços, possesso e transtornado, sem Inês, e com um dos braços e um dos lados paralisados dentro da armadura de metal. Não conseguiram trazer mais uma jovem que se colocou nas mãos de nosso Senhor. Com a oração de Clara e a fé de Inês, ela urrava, chorava e pedia a ajuda de Cristo, de Clara, das monjas, das pessoas que corriam. Os homens largam-na pelo chão, dizendo que pesa tanto que não a podem sustentar. Nem seis homens conseguiram tirá-la do chão.

Clara se aproxima e convida os parentes a desistirem da violência e confiarem a pequena a seus cuidados. Dali a poucos dias, São Francisco as retira para acomodá-las em definitivo num convento anexo a igreja, fora dos muros de Assis.

Neste ninho de pobreza permanece Clara até a morte: passa 42 anos reclusa entre estas paredes, 42 anos de oração, de silêncio, de nobreza, de penitência e de caridade para as irmãs.

Pouco depois de sua entrada em São Damião, começou a chegar novas irmãs. Três anos após seu ingresso em São Damião, Clara recebe o cargo de abadessa, função que exerce até o fim da vida. Quanto mais elevado o posto que por obediência se ocupa, tanto mais se julga inferior às demais e reserva para si os trabalhos mais humildes da comunidade. Mas se Clara é para as monjas exemplo fiel daquela humildade que o poverelho (assim ficou conhecido S. Francisco) vivia ensinando, não deixa de ser também terna mãe. Durante as noites de inverno em Assis, há sempre mãos prontas a cobrir as filhas que dormem, a fim de que não sofram frio.

Se a mão de Clara se volta solícita para ajeitar a coberta das filhas adormecidas, essa mesma mão é menos zelosa para bater o sino à meia-noite, hora das matinas.

Contenta-se com a túnica de pano grosseiro, de feia lã, tecido em casa. Tais mortificações impostas por ela a seu corpo tenderiam por vontade da santa a serem coroadas por um martírio real. Entretanto, os jejuns e as penitências a que se submete Clara, prejudicam-lhe gravemente a saúde: em três dias da semana ela faz abstenção completa de qualquer alimento. Por isso São Francisco e o bispo de Assis intervêm e obrigam-na, por obediência, a comerem naqueles dias pelo menos um pouco de pão. Clara obedece.

O relacionamento de São Francisco e Santa Clara foi, acima de tudo, um relacionamento de pai e filha (ao pai presta obediência). E vimos Francisco intervir na vida dela para que aceitasse o cargo de abadessa a agora para fazê-la abandonar as práticas por demais rigorosas do jejum.

A vida contemplativa, de fato, é antes de tudo uma adesão a Deus, naquela adoração constante que é um adequar-se perfeitamente a sua vontade.

A vida de Santa Clara é toda ela uma oração. Entra aos 18 anos para a clausura, cede a própria vontade de São Francisco e despoja-se de todo bem material, até mesmo do direito de ter o necessário.

A pobreza absoluta é para ela condição indispensável para que se desvincule de todo laço que atrapalha na louvação a Deus. A obediência serve-lhe como despojamento de si mesma, para que mantenha sempre a vontade imune de qualquer coisa que possa absorvê-la.

Desde o momento em que Clara se consagra inteiramente a Deus, só existe Deus, para quem ela quer viver. Rezar, para Clara significa amar e adorar a Deus com todo o seu ser, com todas as forças que o mesmo Deus lhe concede. É incansável na oração; prostrada em terra, noite e dia, não se satisfaz nunca de orar a Deus e, adorando-o, se renova no impulso de amá-lo.

Clara é filha, irmã, mãe de Cristo. É tudo isso no amor a Cristo, que a consome. Contempla-o enquanto agarra e o reclina no presépio: com Ele sofre enquanto agoniza no Horto das Oliveiras e na cruz com Ele padece.

A união com Jesus sacramentado a enche cada vez mais de profunda reverência e temor. Com grande devoção tomava freqüentemente o santo sacramento do corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Há um episódio que atesta. Em setembro do ano de 1240, Assis sofrerá um ataque de povos bárbaros. As filhas recorrem à mãe, e esta sustentada por duas delas, pede que coloque em suas mãos a caixinha de prata e de marfim que continha o Santíssimo Sacramento e, prostando-se por terra, reza em prantos. Ao terminar, do outro lado da porta, faz-se um longo silêncio, sem causar nenhum dano, os invasores fogem.

A 8 de setembro de 1252, a pobre “plantinha” de São Francisco recebe a visita do cardeal Rainaldo Segni, bispo de Ostia., amigo devoto dela e protetor da Ordem. Com a presença dele, a Santa suplica ao cardeal que interceda junto ao papa para que seja confirmado definitivamente o privilégio da pobreza.

É o que ocorre realmente. No dia 10 de agosto, um dos frades leva a Santa a confirmação papal, ansiosamente esperada, ou seja, a bula, dada em Assis a 9 de agosto de 1253, que contém, com o aval papal, a regra que a Santa queria para si e para as suas companheiras. Clara recebe-a com reverência e, embora a

aproximação da morte lhe tire todas as forças, leva-a por si mesma aos lábios para beijá-la. *No dia seguinte passou desta vida ao Senhor. A citada senhora Clara, verdadeiramente sem manchas, sem sombra de pecado, indo para a claridade da luz eterna.*

FRANCISCOLOGIA VI

A RENOVAÇÃO DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

Toda opção comporta compromissos.

Ao assumir o Cristianismo, assume-se o compromisso de viver o Evangelho de Jesus Cristo: *“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”* (Mt. 22, 36-39).

Ao se entrar para a Igreja de Cristo, se assume alguns compromissos que denominamos mandamentos da Igreja:

Confessar-se ao menos uma vez a cada ano;

Comungar na Páscoa da ressurreição;

Participar da missa aos domingos e dias santos, etc...

Pois bem, cada organização prevê os compromissos a que devam sujeitar-se seus membros, conforme a natureza e os objetivos que lhe são próprios: Todos estamos de acordo que assim deva ser para a consistência e sobrevivência da organização.

A vida religiosa exige de seus membros o compromisso de viverem em obediência, pobreza e os chamados conselhos evangélicos. Esses votos são a estrutura da vida religiosa e lhe dão consistência.

Também a Ordem Franciscana exige de todos os seus membros, de cada uma das Ordens, Congregações... alguns compromissos. Sem o cumprimento destes, não é possível considerar-se franciscano.

Compromissos do franciscano secular:

Observar o evangelho;

Exemplos de Francisco de Assis;

Cristo centro e inspiração de vida.

Tudo isso foi dito, para que se perceba que existe uma opção, existe compromisso. E não podemos ficar alheios a esses fatos.

Sempre existiram na Ordem Terceira da Penitência jovens, que inclusive atingiram alto grau de santidade. Lembramos de Santa Rosa de Viterbo.

Só depois do Vaticano II, todavia, apareceram na Igreja os grupos de jovens e entre eles a **Juventude Franciscana** ou **Jufra**. “A Jufra é a OFS jovem (IV CONJUFRA, 1980)”.

Em nosso século constatou-se um grande envelhecimento das fraternidades franciscanas seculares. Quase não existem jovens interessados em participar de uma fraternidade de OFS; no entanto, Francisco exerce uma grande força de atração sobre a juventude.

Ao lado desse envelhecimento, constatou-se ainda, um esvaziamento de significado mais profundo do pertencer à Ordem da Penitência. Por penitência entende-se aqui uma dinâmica de conversão cristã que se estende por todo o tempo de uma vida, uma dinâmica de aprofundamento da vida evangélica, de conformação com o Cristo. E a Ordem da Penitência passou a ser na prática, salvando-se o nome, uma associação religiosa como tantas outras. Descaracterizou-se como Ordem da Penitência. A renovação preconizada pelo Vaticano II veio em boa hora: com nova Regra, novas Constituições, novos Cerimoniais, nova estrutura, faz-se

necessário também renovar o “quadro social”, ou seja, a Ordem viva, constituída de pessoas vivas e atuantes.

O capítulo geral da OFM de 1979, em suas Decisões Nr. 87 insiste: “Os assistentes espirituais, juntamente com os Conselhos nos diversos níveis, façam um esforço especial para promover grupos juvenis”.

E o Geral dos Franciscanos Conventuais escreve: “Um problema urgente de OFS é o do rejuvenescimento, com a admissão de jovens, que levem vitalidade, iniciativas e entusiasmo às fraternidades”. (Frei Vital Bonmarco. Geral da OFM Conv., Carta à Ordem III).

Os Jovens da Jufra estão conscientes da responsabilidade que lhes cabe ao participar da Jufra e professando em seguida na OFS. Nos documentos básicos, princípios, metas e estratégias de implantação da Jufra, lê-se: “2.2 – Segunda meta: Renovar o Franciscanismo Secular, criando uma autêntica figura sócio-religiosa da personalidade franciscana no meio dos valores da sociedade atual”. (III CONJUFRA nº 1.1.1 e 1.1.2).

O atual “Itinerário de Formação da Jufra” coloca como objetivo da Jufra no Brasil, entre nove objetivos o de nº 2.4 – **“comprometer o jufrista com a renovação da OFS”**.

Que significa tudo isso?

O jufrista precisa conhecer muito bem a “Regra e Vida” da OFS, aprovada por Paulo VI, as Constituições, os Estatutos e a História da OFS e mais:

Precisa ter vivido e assimilado a espiritualidade franciscana secular, ao menos em seus valores fundamentais: a evangelicidade, minoridade e a fraternidade numa dimensão secular;

Precisa ter engajado e experimentado os compromissos de uma vida secular à luz do Evangelho, inserido no mundo.

Enfim, ter vivenciado suficientemente nada mais que o “Manifesto da Juventude Franciscana, 1989”. Em suma: assim como a vida se renova a cada criança que nasce no mundo, a igreja e o franciscanismo devem renovar-se a cada geração.